

estratégias de mobilidade de imigrantes e seus descendentes por meio do setor coureiro-calçadista da cidade de Franca (sp): um diálogo com a literatura acadêmica*

mobility strategies of immigrants and their descendants through the leather and footwear sector of the city of Franca (sp): a dialogue with the academic literature

Marco Antonio Brandão**

Universidade Estadual Paulista, *Campus* Franca, Franca, São Paulo, Brasil

RESUMO

Na literatura acadêmica sobre o processo de industrialização ocorrido no estado de São Paulo, houve a predominância de uma concepção pautada numa realidade encontrada na capital paulista. Nesta, provou-se que o empresariado industrial proveio de setores abastados estrangeiros e de pessoas e capitais oriundos da chamada elite cafeeira. Tais resultados influenciaram estudos sobre realidades interioranas, havendo, para certos casos, a reprodução mecânica de cenários, tornando-os semelhantes ao da cidade de São Paulo. Nosso estudo desmistifica essa pré-concepção em relação à formação da classe empresarial do setor coureiro-calçadista no município de Franca (SP), mostrando o fato de imigrantes e seus descendentes pobres terem tido uma participação considerável para a existência dessa classe.

Palavras-chave: Empresariado industrial. Setor coureiro-calçadista da cidade de Franca (SP). Imigrantes e seus descendentes. Mobilidade social. Literatura acadêmica.

ABSTRACT

In the academic literature on the process of industrialization occurred in the State of São Paulo, there was a predominance of a design based on one reality found in the state capital. This proved that the industrial business sectors came from wealthy foreigners and people and capital arising from the coffee elite. These results influenced studies on inland realities, having, for certain cases, the mechanical reproduction of scenarios, making them similar to the city of São Paulo. Our study demystifies this preconception regarding the formation of enterprise-class leather-footwear sector in the city of Franca (SP), showing the fact of poor immigrants and their descendants have had considerable participation for the existence of this class.

Keywords: Industrial entrepreneurs. Leather-footwear sector in the city of Franca (SP). Immigrants and their descendants. Social mobility. Academic literature.

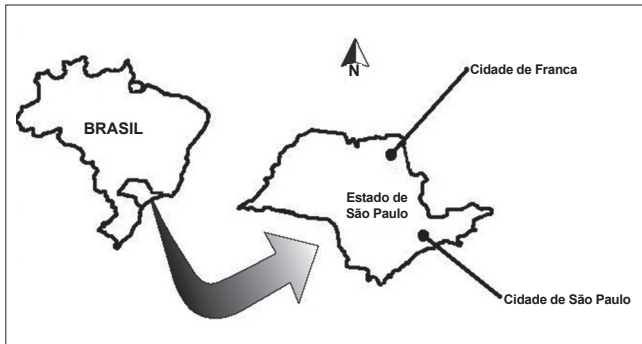
* Submetido: 8 de novembro de 2013; aceito: 9 de janeiro de 2014.

** Estudante de pós-doutorado da UNESP, *Campus* Franca. E-mail: maranbrand@yahoo.com.br.

Introdução

Os resultados do presente trabalho fazem parte da pesquisa de pós-doutorado “Estratégias de mobilidade social no surgimento do polo industrial de Franca (SP): de imigrantes pobres a industriais no interior paulista (1900-1960)”, financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo 2011/09942-3.

Mapa 1 – Localização das cidades de São Paulo e Franca no estado de São Paulo, Brasil



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002.

Em nossa análise, apresentamos dados empíricos que comprovam estar a formação da classe industrial do polo coureiro-calçadista da cidade de Franca (interior do estado de São Paulo), entre 1900 e 1960, vinculada a pessoas de origem social bastante humilde, possuindo também o elemento estrangeiro (e seus descendentes) uma importância considerável na formação desse empresariado. Nossa pesquisa lança luz a simples trabalhadores, detentores de um *saber-fazer* que os capacitou a possuir o título de industriais. E fizeram da localidade interiorana, já em meados do século XX, um dos principais polos produtores de calçados masculinos, que, na década de 1980, transforma-se no segundo maior exportador de calçados do Brasil¹.

¹ Em 1984, um pouco mais da metade dos 32 milhões de pares de calçados fabricados na cidade (11,6% da produção nacional) foi exportada. Essas vendas renderam US\$ 164,5 milhões – equivalentes a 15% do total de exportações de calçados no período. Naquela época, o polo coureiro-calçadista de Franca somente era superado pelo

Em princípio, para um público leigo, pode parecer algo normal, pois exemplos de empresários que se fizeram por si próprios (*self-made man*) na América foram vários. No entanto, os resultados de nosso estudo se contrapõem ao estereótipo criado pela literatura acadêmica brasileira para esse período. Esta depositou nos ricos cafeicultores e em abastados imigrantes a matriz social do empresariado surgido na cidade de São Paulo. Posteriormente, esse modelo de industrialização se difundiu pelo interior do estado, mediante outras pesquisas, ligando a nova classe dos industriais a setores enriquecidos nacionais e estrangeiros.

O conceito de “burguesia imigrante” foi criado por Warren Dean (1991) para designar a base social do empresariado industrial, surgido na cidade de São Paulo, entre as últimas décadas do século XX até 1930. Essas pessoas eram representantes comerciais de empresas europeias que exportavam para o Brasil. Eram responsáveis pelo recebimento, montagem, envase ou embalagem dos produtos (transportados a granel ou desmontados), venda e distribuição. Ou seja, elas participavam de parte de um processo produtivo iniciado na Europa. O passo para elas mesmas começarem a produzir integralmente o que vendiam no Brasil foi uma questão de tempo. Outro segmento importante para a instalação de indústrias, segundo Dean, foi o dos cafeicultores, o qual investiu capitais diretamente, fundando empresas, ou associando-se a outros no mercado de ações (Dean, 1991).

Essa interpretação de Dean foi adotada pela maior parte dos outros estudiosos clássicos da industrialização brasileira. Para Silva (1995), a indústria no Brasil já surge grande, mecanizada e empregando centenas ou milhares de operários, não passando, com isso, pelas fases do artesanato ou manufatura. Dessa forma, somente pessoas com bastante capital seriam capazes de tamanho empreendimento (Silva, 1995, p. 90-91). Martins (1979) não menosprezou a importância de pequenos estabelecimentos artesanais; todavia, eles não foram capazes de atender à demanda de produtos, quando houve um incremento do mercado consumidor brasileiro na virada para o século XX. Para ele, as grandes indústrias não foram instituídas, necessariamente, por pessoas individuais, mas sim consorciadas. Além disso, ele chama de mito a possibilidade de pobres,

polo industrial do Vale do Rio dos Sinos (RS), composto por mais de 2 dezenas de municípios (Barbosa, 2013, p. 34).

os imigrantes em especial, terem enriquecido, ao se transformarem em industriais no Brasil. Esse artifício fora utilizado pelos próprios patrões para incentivar os operários a trabalhar arduamente na esperança de um dia também se tornarem empresários (Martins, 1979, p. 148).

Foi Bresser Pereira (1974), com base em uma pesquisa empírica de fôlego, que concluiu ter sido o empresariado industrial paulistano constituído por setores de origem imigrante oriundos de uma classe média. Segundo seus dados, 31,2% dos diretores das grandes indústrias da cidade de São Paulo eram de origem italiana; outros 48,8% eram de outros países. Apenas 20% eram filhos de brasileiros. De todos os empresários, somente 7,5% eram de setores considerados pobres. Outros 71,5% provinham das camadas médias nacionais ou estrangeiras (Bresser Pereira, 1974, p. 110). Ao fazer uma análise entre as gerações de pais e avôs, o autor constatou ter havido uma mobilidade social intergeracional, ou seja, houve um processo de enriquecimento familiar, comparando-se a situação do neto com a do avô (Bresser Pereira, 1974, p. 124).

Esses são apenas alguns exemplos de como se consolidou na literatura acadêmica o estereótipo do industrial na cidade de São Paulo. Com que, aliás, concordamos plenamente, haja vista a necessidade de capitais para a instalação de indústrias com um porte considerável para atender à demanda do mercado consumidor em expansão. Contudo, a questão está em generalizar esse modelo para o restante ou interior do estado, ou mesmo para o Brasil.

Se, de um lado, cunhou-se a figura do industrial endinheirado; do outro, a literatura acadêmica também teceu as peculiaridades do imigrante pobre, um miserável que, desgraçado pelas condições encontradas no Brasil, teve seus sonhos de ascender socialmente frustrados.

Ao retomar a literatura sobre a imigração e o colonato no Brasil, Stolcke (1986) analisou o debate sobre a mobilidade dos colonos no mundo rural. Essa autora dividiu essas referências em duas vertentes: de um lado, os *pessimistas* quanto às possibilidades de ascensão social e, de outro, os *otimistas*. Os argumentos contra a ascensão social diziam respeito às duras condições e ao rígido controle no meio rural paulista, o que dificultava a poupança de recursos². O principal argumento dos

² Dentre os autores citados por Stolcke, Hall (1969) possuiu certo destaque entre os pessimistas.

otimistas eram as brechas no sistema de colonato, as quais possibilitavam a poupança e a possibilidade real de o imigrante ter acesso a terra como proprietário. Os principais expoentes dessa corrente, citados por Stolcke, foram Holloway (1984) e Font (1983).

Para Stolcke, o único ponto de concordância entre as duas correntes foi a ânsia de os colonos abandonarem o quanto antes o trabalho nas fazendas de café. Para os *pessimistas*, o abandono ocorria apenas com a fuga das fazendas, enquanto, para os *otimistas*, era o momento no qual os imigrantes compravam suas próprias terras (Stolcke, 1986, p. 79). Apesar de sua predileção pela vertente pessimista e de sua conclusão de que esta ganhou o debate pela maior adesão aos seus argumentos, a autora concordou que o processo de ascensão social dos ex-colonos foi relativamente tardio, ao longo da década de 1920.

A presença de estrangeiros nos centros urbanos surgidos com a expansão cafeeira pelo interior paulista foi um fenômeno de grande proporção quantitativa e qualitativa. O fato de a base da economia centrar-se nas fazendas fez com que o estereótipo do imigrante fosse, num primeiro momento, associado ao indivíduo responsável por fornecer mão de obra no trato com os cafezais e, posteriormente, àquele que se empregava nos ofícios urbanos. Contudo, o processo de urbanização foi muito influenciado pela presença dessas pessoas, responsáveis, em grande parte, pela constituição desse novo ambiente.

Trento (1989) faz uma análise, a nosso ver, bem pontual da importância e influência dos imigrantes italianos no meio urbano. Segundo seu estudo, centralizar as razões e as mazelas da imigração italiana no campo seria limitar as oportunidades abertas aos estrangeiros. As chances de emprego e até mesmo de ascensão social eram mais palpáveis nos centros urbanos do que nas fazendas e no regime de colonato.

Todas as cidades envolvidas pela expansão cafeeira, especialmente no início do século XX, sofreram um intenso processo de transformação; uma nova infraestrutura urbana foi construída sob ruínas de vilas simplórias. Com isso, no início desse processo, tudo está por fazer, desde as obras de urbanização até a constituição social das populações urbanas. Nessas transformações, o imigrante italiano, sobretudo, desempenhou um papel de grande importância.

Se os estrangeiros tiveram um papel decisivo na constituição desses mundos urbanos nas terras do café, a razão de ser de sua vinda para o

Brasil, pelo menos nos momentos iniciais da imigração em massa, não foi essa. Segundo Trento, para grande parte dessas pessoas, a passagem pela fazenda de café foi algo obrigatório. Ao estudar o percurso de vários imigrantes tornados comerciantes nas cidades, ele constatou a necessidade de trabalho árduo anterior no comércio ambulante. Os italianos foram mascates, antes dos sírios, e por um bom tempo foram predominantes no pequeno comércio varejista (Trento, 1989, p. 129-130).

Semelhante às análises contidas em uma literatura sobre a formação da classe operária paulista e suas mazelas, Trento apontou as agruras sofridas pelo operariado de origem italiana na capital paulista; esses sofrimentos, certamente, não fariam inveja ao colono nas fazendas. Além disso, ele fez uma investigação interessante em relação às indústrias e às informações referentes aos seus proprietários, tanto com dados coletados para o ano de 1907, quanto para o censo industrial de 1920.

Em sua abordagem sobre os principais industriais italianos, Trento afirmou que esses não possuíram capitais trazidos da Itália, mas capitais construídos no Brasil, por meio da atividade de negociantes. As pequenas indústrias, por ele analisadas, a partir de informações obtidas pelos censos industriais eram aquelas pertencentes a um único proprietário, excluindo, assim, as sociedades anônimas e as em comandita. Com isso, todas as grandes empresas, cujos proprietários foram estudados pelos autores já discutidos aqui, não foram contempladas em sua pesquisa. Os dados referentes a essas pequenas fábricas são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Indústrias, de um único proprietário, pertencentes a italianos (1907 e 1920)

ESTADOS	1907			1920		
	Nº DE EMPRESAS	OPERÁRIOS EMPREGADOS	VALOR DA PRODUÇÃO	Nº DE EMPRESAS	OPERÁRIOS EMPREGADOS	VALOR DA PRODUÇÃO
Amazonas	5	71	490:000	5	15	68:380
Bahia	8	134	361:000	44	179	1.062:473
Distrito Federal	37	897	6.238:000	69	724	6.613:782
Espírito Santo	1	16	23:000	18	82	1.089:662
Mato Grosso	1	50	350:000	3	10	132:480
Minas Gerais	111	683	2.521:000	149	797	6.773:989
Pará	5	74	345:000	10	156	639:106

Tabela 1 – Indústrias, de um único proprietário, pertencentes a italianos (1907 e 1920)

ESTADOS	1907			1920		
	Nº DE EMPRESAS	OPERÁRIOS EMPREGADOS	VALOR DA PRODUÇÃO	Nº DE EMPRESAS	OPERÁRIOS EMPREGADOS	VALOR DA PRODUÇÃO
Paraíba	2	150	140:000	4	29	384:818
Paraná	31	247	833:000	61	255	1.969:810
Pernambuco	3	72	226:000	3	43	566:212
Rio de Janeiro	6	133	659:000	20	112	672:327
Rio Grande do Sul	50	2.453	9.906:500	227	1.054	11.160:655
Santa Catarina	13	156	407:000	56	184	1.794:197
São Paulo	120	5.364	20.627:000	1.446	8.487	72.077:851
Outros estados	5	58	136:000	4	19	154:012
Brasil	398	10.558	43.262:500	2.119	12.146	105.159:754

Fonte: Centro Industrial do Brasil, *O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias*, v. III, elaboração do autor; *Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920* (Trento, 1989, p. 141).

A partir desses indicadores, Trento comparou as indústrias de propriedade individual com as estabelecidas em sociedade e concluiu que as primeiras representavam um total de 9.190 empresas e empregavam 63.975 operários; as segundas totalizavam 4.146 empresas e constavam de 211.537 operários. A julgar as desproporções, afirmou que “além das grandes fortunas havia numerosos italianos que, tendo fundado pequenas e médias oficinas, levavam uma vida razoavelmente cômoda” (Trento, 1989, p. 141). Porém, ao discutir a origem social do industrial italiano, Trento repete a tese de Dean, mesmo implicitamente, para as pequenas indústrias e considera um fenômeno raro o imigrante pobre ter sido proprietário de alguma pequena indústria:

No caso dos italianos, dificilmente os que aportaram pobres no Brasil conseguiram ir além do comércio varejista ou da oficina de artesanato, que somente em alguns casos depois se transformará em pequena indústria. As únicas exceções relevantes são Nicola Scarpa e Dante Ramensoni, este, nos primeiros tempos de residência, empenhado na propaganda e na atividade sindical nas fileiras do movimento socialista. Todas as outras personagens eminentes dos empresariado (sic) italiano tinham uma origem social diferente, em geral classe média, ou, pelo menos, alguma experiência comercial e/ou um certo grau de instrução e uma base de conhecimentos técnicos. (Trento, 1989, p. 151)

Na concepção de Trento, mesmo que os dados colhidos apontassem uma conclusão diferente, o peso do estereótipo criado pela literatura acadêmica prevaleceu até mesmo para as pequenas industriais, aquelas que empregavam um número insignificante de operários.

Dentre outros, dois importantes trabalhos também tiveram conclusões semelhantes, apesar de um contexto empírico não sustentar seus argumentos. O primeiro é a tese de doutorado de Truzzi (1986) sobre o processo de imigração, urbanização e industrialização da cidade de São Carlos (aproximadamente 230 km de Franca), no mesmo interior paulista. Nesse estudo, Truzzi cita os 16 principais industriais; praticamente todos são estrangeiros e, com exceção de 2, exerciam ofícios manuais em seus países natais. O mais bem-sucedido deles fora vendedor de verduras quando chegou ao Brasil. Mesmo com todos esses dados, Truzzi concluiu ser “precisamente aqueles de origem pequeno burguesa em seus torrões natais os que melhor se sairão no Novo Mundo, explorando as oportunidades de ascensão social que a montagem de uma loja ou de uma pequena oficina podia lhes oferecer” (Truzzi, 1986, p. 218).

Outra importante pesquisa a também reproduzir as ideias em voga na literatura acadêmica foi a tese de doutorado de Tosi (1998) sobre a formação do polo calçadista de Franca. Com base, sobretudo, no processo de falência de duas empresas (Calçados Jaguar e Curtume Progresso – ambas tiveram uma existência efêmera; aproximadamente, cinco anos ao longo da década de 1920), Tosi concluiu que o capital responsável por alicerçar a indústria coureiro-calçadista de Franca proveio do círculo dos cafeicultores. Além disso, após analisar a trajetória de outros poucos empresários do setor, ele inferiu que

seria ingenuidade pensar os curtumes e, no limite, as fábricas de calçados como atividades “democráticas” a ponto de operários serem guindados à posição de proprietários mediante seus respectivos esforços [...]; quem afirma essa relação direta entre artesanato e o patronato pode correr o risco de incorrer em uma interpretação carregada de culpável ideologia. (Tosi, 1998, p. 243)

Certamente a lista de estudos sobre os processos de industrialização de cidades do interior paulista, os quais foram influenciados pela tendência criada pela literatura acadêmica, seria extensa. No entanto, a generalização desse (pré-)conceito e, algumas vezes, o menosprezo a

indícios claros de fenômenos de mobilidade social podem ter escondido detalhes mais complexos sobre a formação do empresariado industrial no interior paulista. Deixar de estudar essas minúcias, potencialmente, pode atenuar a importância da ação daqueles que, no passado, não tiveram muito mais do que o seu *saber-fazer* para se tornarem industriais.

A mobilidade de imigrantes e seus descendentes por meio do setor coureiro-calçadista da cidade de Franca

Como vimos, há uma posição majoritária da literatura acadêmica sobre a origem social do empresariado. No entanto, acreditamos que a pequena indústria, muitas vezes, formada pelo emprego da mão de obra familiar ou poucos operários, serviu como instrumento de mobilidade social para imigrantes pobres. Estes, ao contrário de uma “burguesia imigrante”, não possuíam muitos recursos econômicos, mas trouxeram consigo, para o Brasil, algum tipo de *saber-fazer* (não possuído pelos brasileiros pobres, escravos, ex-escravos). Na Europa, no inverno, os camponeses ocupavam seu tempo com os mais diversos afazeres, especialmente para terem suas necessidades básicas (moradia, locomoção, roupas, sapatos, ferramentas, dentre outras) atendidas por uma produção doméstica. Ao chegarem ao Brasil, um número considerável dessas pessoas possuía habilidades as mais diversas e algumas souberam tirar proveito desse conhecimento, pois na nova sociedade eram poucas, ou mesmo não havia pessoas com tais atributos.

Ao comparar a mobilidade social de imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e nos EUA, Klein (2000, p. 28–29) sustentara ter sido tal fenômeno condicionado ao momento de chegada desses estrangeiros às sociedades de destino. Os italianos chegaram para participar do processo de “revolução industrial e agrícola” na América do Norte, quando lá já estavam instalados os norte-europeus e muitas gerações de nacionais. Dessa forma, não foram muitas as opções disponíveis naquela sociedade, as melhores ocupações já estavam preenchidas. Por essa razão, esses indivíduos se concentraram em velhas cidades portuárias do leste (Boston, New York e Filadélfia), exercendo atividades pesadas e pouco remuneradas. Esse momento de chegada aos EUA fez com que várias gerações ficassem estagnadas como membros da classe trabalhadora (Klein, 2000,

p. 29). Segundo Klein, um fenômeno completamente diferente ocorre com aqueles aportados na Argentina e no Brasil. Nessas sociedades, não havia nenhuma grande concorrência com outras etnias, eles tiveram condições de se empregar e acumular recursos, sobretudo no meio urbano. Nos dizeres de Klein, “os italianos nessas duas nações passaram rapidamente a compor as novas classes médias que estavam sendo geradas e, já na segunda geração, muitos deles se colocavam muito acima do *status* dos pais” (Klein, 2000, p. 29).

Baily (1983), num estudo semelhante ao de Klein, chegou aos mesmos resultados ao comparar os imigrantes italianos em Buenos Aires e New York. Baily constatou ter sido a participação destes preponderante na instalação de indústrias e no comércio portenho, no final da década de 1880, pois não encontraram concorrência, inclusive dos portenhos, para se instalarem nas melhores ocupações. Já em New York, no mesmo período, todas as boas oportunidades de emprego já estavam ocupadas; por isso, restaram a esses estrangeiros ofícios como os de barbeiros, sapateiros, mascates, entre outros (Baily, 1983, p. 285). Por conta do momento de sua chegada a Buenos Aires e da dinamicidade de sua economia, eles tiveram condições de acumular recursos para ser maioria entre os proprietários de pequenas indústrias e casas comerciais (Baily, 1983, p. 285).

Situação semelhante é encontrada no Brasil, quando da expansão cafeeira pelo interior do estado de São Paulo. Os imigrantes encontraram sociedades que principiavam seu desenvolvimento; por isso, todas as principais ocupações da economia – com exceção das funções que exigiam grandes somas de capital, compatíveis à riqueza das elites agrárias – estavam para ser ocupadas. Com isso, exercer um ofício urbano não era algo impeditivo a um imigrante possuidor de algum *saber-fazer*, pois lhe bastava um teto improvisado, poucos auxiliares e, principalmente, um mercado para vender seus produtos.

Foi justamente isso o que imigrantes e seus descendentes encontraram na cidade de Franca, mais exatamente no polo coureiro-calçadista desenvolvido nesse município, ao longo do século XX. Tal localidade, distante 401 km da capital paulista, possuía, em 1920, uma população de 44.308 habitantes; destes, 6.193 eram imigrantes, aproximadamente 14% da população. Do total de estrangeiros, 2.889 eram italianos e 2.281, espanhóis (Barbosa, 2006, p. 42). Essas pessoas encontraram maiores

percalços em suas estratégias de mobilidade social, pois não tiveram acesso privilegiado a terra via núcleo colonial oficial. Uma das características das propriedades rurais, contemporaneamente à sua chegada à cidade, era a predominância de pequenas unidades já ocupadas por brasileiros (Barbosa, 2006, p. 47-50). Além disso, os estrangeiros não representaram um manancial preponderante de oferta de mão de obra. Eles tiveram que competir com migrantes nacionais, especialmente mineiros – a distância entre esse município e a divisa com o estado de Minas Gerais é muito pequena –, atraídos pela possibilidade de melhores empregos. Tendo que disputar as melhores ocupações, os imigrantes, muitas vezes, antes de se radicarem no meio urbano, trabalharam no campo como colonos na terra de outrem ou como lavradores assalariados.

Outra particularidade da economia foi o fato de o café não ter representado uma monocultura no modelo clássico de *plantation* (Barbosa, 2006), pois nos minifúndios, sítios e chácaras encontrados na cidade, existiam outros tipos de cultivos e, especialmente, a pecuária. Antes do *boom* da economia cafeeira chegar ao município, a pecuária era o sustento da economia dessa região. Franca era um entreposto comercial da chamada Estrada dos Goianos – responsável por ligar comercialmente a capital da então província de São Paulo com Goiás e Mato Grosso –, e o forte de seu mercado era o gado, a carne e os couros (Barbosa, 2006, p. 39). O mercado de couros da cidade juntamente com os produtos artesanais feitos a partir desse produto (arreios, sapatões, sandálias, bainhas, dentre outros) intensificaram a importância da criação de gado no município. Contemporâneo à chegada do café no final do século XIX, um setor em expansão era o curtumeiro, que, além de abastecer um circuito comercial mais amplo (a rota dos tropeiros e, posteriormente, as cidades ligadas pela Companhia Mogiana de Estrada de Ferro), criou condições para o desenvolvimento da indústria calçadista nessa localidade (Barbosa, 2006, p. 39-41).

Diferentemente do ocorrido na cidade de São Paulo, a grande peculiaridade dos estabelecimentos calçadistas surgidos em Franca, entre 1900 e 1960, foi o tamanho destes. Barbosa, em estudo referencial sobre esse tema e baseado em farta documentação empírica, demonstrou que esse setor, muito lentamente, abandonou a fase artesanal de produção. Segundo ele, “o grande capital esteve ausente da formação da indústria do calçado, somente se fazendo presente a partir dos anos 1960, quando

o setor já se encontrava plenamente consolidado no município” (Barbosa, 2006, p. 66). Tais empreendimentos surgiram do esforço, muitas vezes, de simples sapateiros e suas ferramentas manuais – haja vista o emprego de máquinas nessas indústrias, até hoje, apenas complementar à habilidade das mãos que, em última instância, são as principais responsáveis pelo produto final.

Como exemplo de uma dessas empresas, citamos o caso da Fábrica de Calçados Cordeiro, de propriedade de Mário Nalini, um descendente italiano. Com base no inventário *post mortem* desse industrial, tivemos acesso à relação das máquinas, dos móveis e dos utensílios encontrados no referido estabelecimento.

O perito dirigiu-se à Fábrica de Calçados “Cordeiro”, localizada na rua General Carneiro nº 710, nesta cidade, deixada pelo falecido. [...] [o] Contador do estabelecimento que pertenceu ao falecido, informou a inexistência de contabilidade organizada, franqueando, então, ao perito os livros de escrituração fiscal [...].

Então, em razão da ausência de contabilidade organizada, o perito organizou o balanço abaixo demonstrado, tomando por base os elementos constantes no processo de inventário que corre pelo Cartório de 1º Ofício local.

BALANÇO DE ATIVO E PASSIVO

AT I V O

I M O B I L I Z A D O

MÁQUINAS E MÓVEIS E UTENSÍLIOS

Na Fábrica de Calçados Cordeiro, sita na rua General Carneiro, 710:

1 Frisa com motor	12.000,00
1 máquina de carimbar	3.600,00
Fôrmas	10.000,00
2 balcões	200,00
2 prateleiras	800,00

No Pôsto de Venda nº 1, sito na rua Voluntários da Franca, 172

1 vetrine	500,00
3 prateleiras	450,00
1 máquina braço Singer	2.500,00

No Pôsto de Venda nº 2, sita rua Padre Conrado nº 5	
1 escada	120,00
1 vetrine armação ferro	2.500,00
1 vetrine armação madeira	800,00

R E A L I Z Á V E L

MATERIAIS, PRODUTOS E MERCADORIAS

Na Fábrica de Calçados Cordeiro, sita na rua General Cordeiro, 710:

Materiais	45.000,00
-----------	-----------

No Pôsto de Venda nº. 1 sito na rua Voluntários da Franca, 177:

Calçados	15.000,00
----------	-----------

No Pôsto de Venda nº. 2 sito na rua Padre Conrado nº. 5:

Calçados	12.000,00
Armarinhos	18.000,00

Total do ativo	123.470,00
----------------	------------

P A S S I V O

CONTAS A PAGAR

Duarte, Callado e Cia. Ltda.	2.922,00
Cortume União	8.707,20
Martirani Póvia & Cia. Ltda.	7.615,00
Cortume São Lourenço Ltda.	5.085,00
Cortume Santa Genovéva	21.163,10
União Laguna Ltda.	1.422,20
Cartonagem São Luiz Ltda.	1.438,00
Soc. Ind. De Maqs. Fekima Ltda.	451,40
Casa das Lixas Masil Ltda	592,00
Hygino Costa	5.865,60
Eduardo Buzolin	348,60
Cia. Máia de Couro	2.892,00
Cortume Modelo Ltda.	9.552,60
Transbrasil	2.707,10

DESPESAS DE MÉDICO, HOSPITAL E FUNERAL
DESEMBOLSADAS PELO SR. NORBERTO NALINI:

Recibo do médico	4.000,00
Recibo do Hospital	7.780,50
Funeral – recibos	4.140,00
Total do passivo	86.682,30

RESUMO E CONCLUSÃO

Soma do ativo	123.470,00
Soma do passivo	86.682,30
Ativo líquido	Cr\$ 36.787,70

Franca, 22 de março de 1956.

Fonte: Processo de inventário *post mortem* de Mário Nalini, inventariante Josefina Serafim Nalini, processo 86, caixa 0186, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

O que chama a atenção nessa fonte é o fato de a referida indústria de calçados – um estabelecimento em melhores condições em relação aos demais (pelo fato de seu proprietário possuir duas lojas no centro comercial da cidade, para vender a própria produção) – ser composta de apenas três máquinas. Apesar de não constar na documentação a relação de empregados, outras peças do processo nos fornecem indícios de que a base da mão de obra da empresa era familiar. Outros detalhes importantes do documento acima são, por um lado, o fato de grande parte do patrimônio do industrial estar comprometida com o pagamento de dívidas e, por outro, estas serem diretamente relacionadas ao fornecimento de matérias-primas à indústria.

Como discutiremos a seguir, a realidade das demais empresas do setor coureiro-calçadista não se distinguia muito em relação à situação retratada acima, ou seja, pequenas indústrias, de base artesanal, instaladas em grande parte por pessoas de origem humilde e imigrante.

Com base nos “Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos” – documentação encontrada no Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF) –, elaboramos uma relação nominal de todas as pessoas responsáveis por instalarem estabelecimentos vinculados ao setor coureiro-calçadista entre os anos de 1900 e 1960. Entre as informações existentes nessas fontes, coletamos:

- 1) a data de abertura do estabelecimento;
- 2) o nome do proprietário;
- 3) a atividade a ser desenvolvida;
- 4) o capital inicial empregado.

Uma vez lançados todos esses dados numa planilha, elaboramos tabelas e quadros em que mensuramos informações importantes sobre a economia urbana da cidade, assim como sobre nosso objeto de pesquisa.

Para facilitar a análise dos dados, primeiramente, dividimos os estabelecimentos registrados em cinco setores de atividades (apresentados na Tabela 2). Posteriormente, apontamos a existência de empresários de origem imigrante em cada um deles. Depois, dividimos o período a ser estudado (1900-1960) em recortes de dez anos. Isso nos proporcionou seis divisões, apresentando a variação de registros do setor coureiro-calçadista, assim como sua relação com as demais atividades e a participação de indivíduos de origem estrangeira em todos os recortes temporais. Ao final dessa fase, dispúnhamos, além da identificação nominal dos industriais de nossa pesquisa, um retrato da economia urbana da cidade de Franca.

Tabela 2 – Classificação dos estabelecimentos industriais e comerciais de Franca (1900-1960)

SETOR DE ATIVIDADE	DENOMINAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS
Atividade rural*	Exploração de fazenda, exploração agrícola, dentre outras.
Comércio urbano	Armarinhos, fazendas, secos e molhados, farmácia, açougue, papelaria, botequins, dentre outras.
Indústrias outras	Marcenarias, serralherias, benefício de produtos agrícolas, fábrica de sabão, fundições, dentre outras.
Coureiro-calçadista	Curtumes, fábricas de sapatos, confecções de arreios, sapatarias, dentre outras.
Prestação de serviço	Serviços de transporte, oficinas de consertos, pensões, hotéis, dentre outras.

* Mesmo não sendo esse o propósito desse tipo de registro, algumas atividades rurais foram inscritas nessa documentação.

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Como nosso principal objetivo era aferir a participação de pessoas de origem estrangeira na composição do empresariado coureiro-calçadista, classificamos os proprietários de todos os estabelecimentos dentro

de quatro potenciais nacionalidades: “brasileira”, “italiana”, “síria ou libanesa” e “outras nacionalidades”. Pelo fato de essa documentação não especificar a etnia das pessoas³, adotamos para a nossa classificação a origem da grafia dos sobrenomes. Com isso, há um destaque nas escritas italiana, síria e libanesa, por serem mais facilmente identificadas. Isso, porém, não ocorre com os registros de portugueses e espanhóis, pelo fato de seus nomes serem semelhantes aos dos brasileiros. Tal constatação nos impossibilitou inserir essas etnias no rol de indivíduos de origem estrangeira – só o fizemos quando a documentação especificava tal informação (mais comum depois da década de 1940). Com isso, certamente, há muitos imigrantes da Península Ibérica e seus descendentes classificados como brasileiros. As demais nacionalidades (alemã, russa, polonesa, japonesa, dentre outras), quando identificadas tanto pela grafia quanto pela inscrição nos documentos (nesse caso, também os portugueses e espanhóis), foram classificadas como “outras nacionalidades”.

Destacamos que, num primeiro momento, não podemos indicar se as pessoas com a classificação de origem estrangeira nasceram no exterior ou no Brasil. Porém, independentemente do local de nascimento, as condições para pais e filhos eram muito semelhantes, ou seja, uma sociedade que principiava seu desenvolvimento e seu processo produtivo urbano. Nesse caso, estar no local certo, na época certa e possuir toda uma bagagem étnica pode ter sido determinante para o sucesso do empreendimento na nova sociedade.

Na Tabela 3, é possível aferirmos a nacionalidade dos proprietários ou sócios das 2.571 empresas registradas em Franca, entre 1901 e 1960. Para sistematizar essa análise, pautamo-nos na identificação da nacionalidade do empresário individual, quando a indústria era de um único dono; quando se tratava de uma sociedade, aferimos se um dos sócios era de origem estrangeira. Isso nos possibilitou verificar a participação das etnias em cada ramo de atividade.

³ A anotação da nacionalidade nesses documentos começou a ser mais constante ao longo da década de 1940.

Tabela 3 – Divisão dos estabelecimentos e nacionalidade dos proprietários (1901-1960)

SETOR DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	06	02	00	01	09
Comércio urbano	1.009	329	210	240	1.788
Indústrias outras	132	117	26	19	294
Coureiro-calçadista	144	102	03	30	279
Prestação de serviço	105	72	08	16	201
Total	1.396	622	247	306	2.571

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Depois de constatada, de forma global, a participação de indivíduos de origem estrangeira em cada um dos setores urbanos da economia, analisamos tal presença em cada um dos recortes temporais de nosso estudo. Para iniciarmos, a Tabela 4 fornece os resultados obtidos para o período entre 1901 e 1910, quando a economia urbana de Franca apenas principiava seu desenvolvimento, incentivado especialmente pela cafeicultura rural. Por isso, destacavam-se pequenos negócios de comércio a retalho, botecos, armarinhos, dentre outros. Num total de 171 registros, 139 eram referentes a esse tipo de negócio. Nestes, os brasileiros representavam 65,46% em relação às demais nacionalidades. Foram registradas 8 indústrias e 19 estabelecimentos vinculados ao setor coureiro-calçadista. Destes, apenas 3 pertenciam a pessoas de origem italiana.

Tabela 4 – Registros comerciais e origem étnica dos proprietários (1901-1910)

GÊNERO DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	04	00	00	00	04
Comércio urbano	91	15	23	10	139
Indústrias outras	03	05	00	00	08
Coureiro-calçadista	16	03	00	00	19
Prestação de serviço	00	01	00	00	01
Total	114	24	23	08	171

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Entre 1911 e 1920, a economia urbana do município, com base nos dados apresentados na Tabela 5, sofreu um retraimento, apresentando números inferiores aos da década anterior. Num total de 143 novos negócios, 108 foram relativos a atividades comerciais e, destas, 42 pos-

suíam como proprietário uma pessoa de origem imigrante. Dos 20 registros referentes ao setor coureiro-calçadista, 14 foram iniciados por nacionais.

Tabela 5 – Registros comerciais e origem étnica dos proprietários (1911-1920)

GÊNERO DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	00	01	00	00	01
Comércio urbano	66	13	16	13	108
Indústrias outras	03	04	00	01	08
Coureiro-calçadista	14	04	00	02	20
Prestação de serviço	03	03	00	00	06
Total	86	25	16	16	143

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Os registros sofreram uma significativa alteração na década seguinte. De acordo com a Tabela 6, o número total de empresas mais que dobrou em relação aos dois períodos anteriores. Os proprietários de origem imigrante compuseram quase a metade dos estabelecimentos. Além disso, houve um aumento significativo dos gêneros de atividades industriais e dos relacionados ao setor coureiro-calçadista. Neste, das 52 empresas iniciadas nessa década, 21 eram pertencentes a pessoas de origem estrangeira.

Tabela 6 – Registros comerciais e origem étnica dos proprietários (1921-1930)

GÊNERO DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	01	01	00	00	02
Comércio urbano	138	39	43	49	269
Indústrias outras	41	22	06	07	76
Coureiro-calçadista	31	17	00	04	52
Prestação de serviço	08	10	00	00	18
Total	219	89	49	60	417

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

A crise mundial dos anos 1930 também arrefeceu a economia de Franca e o total de registros voltou a níveis da década de 1910. Houve, no entanto, um aumento na participação de pessoas de origem estran-

geira em, praticamente, todos os gêneros de atividades, alcançando a metade de todas as novas empresas e superando o número de nacionais no setor coureiro-calçadista. Essas constatações podem ser observadas por meio da Tabela 7.

Tabela 7 – Registros comerciais e origem étnica dos proprietários (1931-1940)

GÊNERO DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	00	00	00	00	00
Comércio urbano	62	20	22	18	122
Indústrias outras	18	11	02	04	35
Coureiro-calçadista	09	10	01	00	20
Prestação de serviço	01	02	00	01	04
Total	90	43	25	23	181

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Na década seguinte, o total de registros cresceu de forma considerável. Como constatamos pela Tabela 8, a participação de pessoas de origem estrangeira manteve-se nos mesmos patamares da década anterior, ou seja, metade do contingente do empresariado urbano. Entretanto, nos setores industriais e coureiro-calçadista, a proporção de pessoas de origem imigrante sofreu um *boom* e superou consideravelmente a participação dos nacionais.

Tabela 8 – Registros comerciais e origem étnica dos proprietários (1941-1950)

GÊNERO DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	01	00	00	01	02
Comércio urbano	344	135	69	85	633
Indústrias outras	42	53	17	05	117
Coureiro-calçadista	48	51	02	16	117
Prestação de serviço	40	20	07	06	73
Total	475	259	95	113	942

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

No último decênio de nosso estudo, os números de registros sofreram um recuo, conforme a Tabela 9. Da mesma forma, o quantitativo de pessoas de origem imigrante regrediu, alcançando 42,53% do cômputo

total do empresariado. No setor industrial e coureiro-calçadista, tal participação beirou a metade do empresariado.

Tabela 9 – Registros comerciais e origem étnica dos proprietários (1951-1960)

GÊNERO DE ATIVIDADE	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
Atividade rural	00	00	00	00	00
Comércio urbano	308	107	37	65	517
Indústrias outras	25	22	01	02	50
Coureiro-calçadista	26	17	00	08	51
Prestação de serviço	53	36	01	09	99
Total	412	182	39	84	717

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Com os dados obtidos, inferimos que a formação do empresariado vinculado ao setor coureiro-calçadista contou com a importante participação de pessoas de origem estrangeira. Além disso, a própria característica artesanal dos estabelecimentos vinculados a esse setor (no qual predominava o *saber-fazer*, e não a mecanização da produção) tornou real o empreendimento por parte daqueles com recursos econômicos limitados.

A próxima fase da pesquisa consistiu em levantar a origem social do empresariado coureiro-calçadista. Na Tabela 10, constam informações sobre a nacionalidade dos proprietários de 279 estabelecimentos. A partir desse referencial, analisamos os “Registros de proclamas de casamentos” realizados na cidade de Franca, entre 1906 e 1960, para levantarmos a profissão exercida pelos indivíduos casados na cidade. Nossa intenção era encontrar um possível contraste entre uma profissão característica de trabalhadores exercida quando do casamento (vinculada a algum ofício manual, pouco remunerado e pouco valorizado socialmente) e a condição de empresário assumida posteriormente pelos indivíduos em análise.

Tabela 10 – Quantitativo do empresariado do setor coureiro-calçadista

PERÍODO	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
1901-1910	16	03	00	00	19
1911-1920	14	04	00	02	20

Tabela 10 – Quantitativo do empresariado do setor coureiro-calçadista

PERÍODO	BRASILEIRA	ITALIANA	SÍRIA OU LIBANESA	OUTRAS	TOTAL
1921-1930	31	17	00	04	52
1931-1940	09	10	01	00	20
1941-1950	48	51	02	16	117
1951-1960	26	17	00	08	51
Total	144	102	03	30	279

Fonte: Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Os dados coletados possibilitaram a constatação de 619 indivíduos ligados ao setor coureiro-calçadista que não apareciam nas escriturações de firmas comerciais. As hipóteses plausíveis para isso podem estar relacionadas a uma informalidade da profissão de sapateiro, por meio da qual algumas pessoas exerciam seu ofício em suas próprias residências, sem oficializarem suas atividades junto ao cartório de registros comerciais, não tendo, com isso, de pagar impostos. Ou mesmo, aqueles que se declararam “sapateiros” quando do casamento, poderiam ser os operários das fábricas de sapatos.

Com relação aos empresários do setor coureiro-calçadista que se casaram em Franca, obtivemos informações sobre 144 indivíduos. A Tabela 11 contém a ocupação desempenhada por esses indivíduos à época de seu casamento.

Tabela 11 – Ocupação profissional desempenhada à época do casamento

ATIVIDADE EXERCIDA	TOTAL
Alfaiate	01
Artista	06
Barbeiro	02
Chofer	01
Comerciário	06
Comércio	04
Cortador	01
Cortador de calçados	01
Empregado do comércio	05
Funcionário da Cia. Francana de Eletricidade	01
Industriário	01

→

Tabela 11 – Ocupação profissional desempenhada à época do casamento

Lavrador	07
Marceneiro	02
Mecânico	02
Operário	15
Pedreiro	02
Professor normalista	01
Sapateiro	35
Seleiro	04
Viajante	01
Não declarada	06
Advogado	01
Bancário	01
Cirurgião dentista	01
Comerciante	08
Contador	04
Farmacêutico	01
Guarda-livros	03
Industrial	15
Negociante	04
Proprietário	01
Químico	01
Total	144

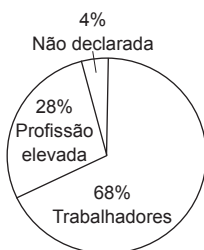
Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Com base nessas profissões, criamos duas classificações, a de “trabalhadores”⁴, para os indivíduos executores de trabalho manual, assalariados e pouco valorizados socialmente, e a de “profissão elevada”⁵, para aqueles cujas atividades possuíam um *status* e remuneração mais elevados, além do fato de serem atividades de alto e médio conteúdo intelectual. Com isso, o Gráfico 1 apresenta as porcentagens para ambas as categorias.

⁴ Alfaiate, artista, barbeiro, chofer, comerciário, comércio, cortador, cortador de calçados, empregado do comércio, funcionário da Cia. Francana de Eletricidade, industrial, lavrador, marceneiro, mecânico, operário, pedreiro, professor normalista, sapateiro, seleiro, viajante.

⁵ Advogado, bancário, cirurgião dentista, comerciante, contador, farmacêutico, guarda-livros, industrial, negociante.

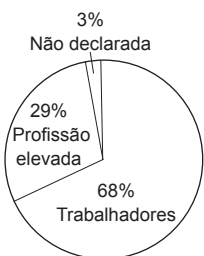
Gráfico 1 – Origem profissional do empresariado do setor coureiro-calçadista no momento do casamento (1900-1960)



Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

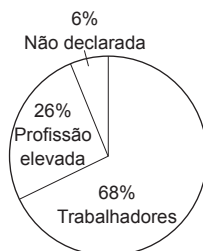
Destacam-se, entre as profissões declaradas no momento do casamento, aquelas relacionadas a atividades próprias de trabalhadores, ou seja, ofícios manuais, pouco remunerados e sem muito prestígio social. E, em menor número, o quantitativo daqueles com uma profissão mais elevada, com maior *status* social. Quando analisamos a nacionalidade dessas pessoas, apuramos que 72 delas eram de pais brasileiros, nascidas no Brasil; outras 62 também nascidas no Brasil, mas de pais estrangeiros; e 10 eram estrangeiras. Com isso, dividimos nossa amostra em dois segmentos distintos, um de pessoas nacionais, filhos de brasileiros, e outro segmento de filhos de imigrantes, nascidos no Brasil, e imigrantes, propriamente ditos. A divisão profissional, em ambos os setores, demonstrou um quantitativo de profissões bastante semelhante, como observamos nos Gráficos 2 e 3.

Gráfico 2 – Divisão profissional do empresariado do setor coureiro-calçadista de origem nacional (1900-1960)



Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 3 – Divisão profissional do empresariado do setor coureiro-calçadista de origem estrangeira (1900-1960)



Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Na Tabela 12, constam dados sobre o empresariado de origem nacional que eram “trabalhadores”. É possível aferirmos o sobrenome dessas pessoas, a profissão exercida no momento do casamento e o ramo de negócio estabelecido em Franca. Já, na Tabela 13, apresentam-se os mesmos tipos de dados referentes aos industriais de origem estrangeira.

Tabela 12 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido por pessoas nacionais de origem trabalhadora

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Flausino	Alfaiate	Fábrica de calçados
Nascimento	Artista	Selaria e sapataria
Paulino Filho	Barbeiro	Fábrica de calçados
Lopes	Chofer	Fábrica de calçados
Garcia	Comerciário	Fábrica de calçados
Mello	Comércio	Fábrica e conserto de calçados
Telles	Comércio	Fábrica de calçados
Costa	Comércio	Fábrica de artigos para a indústria de calçados
Junqueira	Cortador de calçados	Fábrica de calçados
Alves	Empregado do comércio	Fábrica de artefatos de couro
Espindola	Empregado do comércio	Curtume de peles; sapataria
Almeida Junior	Funcionário da Cia. Francana de Eletricidade	Fábrica de calçados
Oliveira	Lavrador	Fábrica de calçados
Barbosa	Lavrador	Conserto e manipulação de calçados
Silva	Lavrador	Fábrica de calçados
Andrade	Lavrador	Conserto de calçados
Braga	Mecânico	Fábrica de calçados

Tabela 12 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido por pessoas nacionais de origem trabalhadora

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Santos	Não declarada	Exploração da indústria e comércio de couro
Guimarães	Não declarada	Curtume e comércio de couros
Ribeiro	Operário	Oficina de seleiro, couros e mais artigos
Silva	Operário	Curtume, compra e venda de couro; selaria
Barbosa	Operário	Selaria
Prado	Operário	Indústria de calçados, selaria e artigos congêneres
Avellar	Operário	Fábrica de calçados
Cervi	Operário	Curtume
Ferreira	Operário	Sapataria e selaria
Reis	Operário	Manipulação e conserto de calçados
Silva	Pedreiro	Fábrica de calçados
Alvarenga	Sapateiro	Fábrica de calçados e varejo
Silva	Sapateiro	Fábrica de calçados
Flausino	Sapateiro	Fábrica de calçados
Penna	Sapateiro	Fábrica de calçados
Teles	Sapateiro	Fábrica de calçados
Paulo	Sapateiro	Fábrica de calçados
Silva	Sapateiro	Fábrica de calçados
Louzada	Sapateiro	Fábrica de calçados e consertos
Oliveira	Sapateiro	Oficina de consertos e fábrica de calçados
Garcia	Sapateiro	Fábrica de calçados
Barcellos	Sapateiro	Manipulação e consertos de calçados
Martins	Sapateiro	Selaria e artigos de couro
Rodrigues	Sapateiro	Calçados, consertos e manipulação
Reis	Sapateiro	Fábrica e consertos de calçados
Pacheco	Sapateiro	Fábrica de calçados
Barbosa	Sapateiro	Fábrica de calçados
Silva	Sapateiro	Oficina de consertos de calçados
Mello	Sapateiro	Consertos e manipulação de calçados
Garcia	Sapateiro	Fábrica de calçados
Martins	Sapateiro	Fábrica de calçados
Vieira	Seleiro	Oficina de selaria
Castor	Seleiro	Indústria e comércio de couros
Nunes	Viajante	Fábrica de calçados e objetos de couros

Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, e Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Tabela 13 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido de pessoas de origem estrangeira e trabalhadora

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Cruz Filho	Artista	Sapataria; fábrica e venda de calçados
Puglia	Artista	Fábrica de calçados
Nalini	Artista	Fábrica e consertos de calçados
Maniglia	Artista	Fábrica de calçados
Puglia	Artista	Indústria de calçados
Maniglia	Barbeiro	Fábrica de calçados
Della Torre	Comerciário	Indústria e comércio de couro e seus derivados
Gorgulho	Comerciário	Manipulação de calçados
Cherighini	Comerciário	Fábrica e venda de tamancos e artigos correlatos
Bettarello	Comerciário	Fábrica de chinelos
Piola	Comerciário	Comércio e indústria de calçados e artefatos de couro
Primon	Comércio	Manipulação de couros
Paludeto	Cortador	Fábrica de calçados
Marangoni	Empregado do comércio	Fábrica de artigos de couro
Brunetto	Empregado do comércio	Sapataria
Maniglia	Empregado do comércio	Fábrica de calçados
Cervi	Industriário	Indústria e comércio de saltos de madeira para calçados e artigos correlatos
Gonsales Garcia	Lavrador	Fábrica de calçados
Sola Avila	Lavrador	Fábrica de calçados
Zanetti	Lavrador	Sapataria
Tedesco	Marceneiro	Fábrica de calçados
Pucci	Marceneiro	Curtume, comércio de solas e peles; fábrica de calçados
Franchini	Mecânico	Fábrica de calçados
Bruxellas	Não declarada	Fábrica de calçados e arreios
Altafim	Não declarada	Selaria e sapataria; fabricação de calçados
Palermo	Não declarada	Fábrica de calçados
Calixto	Não declarada	Fábrica de calçados
Ferro	Operário	Fabricação de calçados
Sarto Morato	Operário	Fábrica de artefatos de couro; fábrica de calçados
Barioni	Operário	Fábrica de calçados
Sobrenome	Profissão quando do casamento	Ramo industrial estabelecido
Bruza	Operário	Fábrica e consertos de calçados

Tabela 13 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido de pessoas de origem estrangeira e trabalhadora

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Bonil	Operário	Fábrica de calçados
Liporace	Operário	Calçados e artefatos de couro
Vanini	Operário	Fábrica de calçados
Maranha	Pedreiro	Calçados e artefatos de couro
Palermo	Professor normalista	Fábrica de calçados
Zilinskas	Sapateiro	Fábrica de calçados
Maniglia	Sapateiro	Fábrica de calçados
Granero Lopes	Sapateiro	Fábrica de calçados
Galli	Sapateiro	Fábrica de calçados
Ferrari	Sapateiro	Fábrica de calçados e consertos
Maccarini	Sapateiro	Fábrica de calçados
Mange	Sapateiro	Fábrica de calçados
Tasso	Sapateiro	Manipulação de calçados
Barioni	Sapateiro	Manipulação e conserto de calçados
Montarini	Sapateiro	Fábrica de calçados
Spessoto	Sapateiro	Fábrica de calçados
Bertoncini	Sapateiro	Fabricação de calçados
Licursi	Sapateiro	Fábrica de calçados; fabricação e comércio de artefatos de borracha
Repezza	Sapateiro	Fábrica de calçados e artefatos de couro
Bego	Sapateiro	Sapataria
Mange	Seleiro	Fabricação de calçados
Marangoni	Seleiro	Fábrica de calçados

Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, e Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

As Tabelas 14 e 15 contêm as mesmas informações, tanto do empresariado de origem nacional, quanto estrangeira, porém ambos possuidores de uma origem social abastada.

As informações apresentadas corroboram as hipóteses sustentadas desde o início de nossa pesquisa, ou seja, pessoas simples, trabalhadores pobres de origem estrangeira ajudaram a formar o empresariado do setor coureiro-calçadista de Franca (1900-1960). Além disso, a própria peculiaridade dessa produção, sustentada em grande parte pelo trabalho artesanal, garantiu uma oportunidade de ascensão social também para os brasileiros pobres.

Tabela 14 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido de pessoas nacionais de origem abastada

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Lima	Cirurgião dentista	Compra e venda de couro, selaria e sapataria
Cintra	Comerciante	Selaria e sapataria
Reis	Comerciante	Fábrica de calçados
Ferreira	Comerciante	Artefatos de couro
Miranda	Comerciante	Fábrica e venda de tamancos e artigos corelatos
Mendes	Contador	Fábrica de calçados
Bastos	Guarda-livros	Exploração de indústria de couros
Oliveira	Guarda-livros	Fábrica de calçados e artefatos de couro
Lima	Industrial	Fabricação de calçados; manipulação de calçados; fábrica de calçados
Lourenço	Industrial	Comércio, indústria de artefatos de couro
Mello	Industrial	Fábrica de calçados; indústria e comércio de couros
Nascimento	Industrial	Fábrica de calçados
Valle	Industrial	Selaria, sapataria, comércio de couros
Ferro	Industrial	Indústria de artefatos de couro
Silveira	Industrial	Oficina de calçados; fábrica de calçados
Carvalho	Industrial	Fábrica de cortes de calçados
Marques	Negociante	Fábrica de calçados e arreios; oficina de seleiro e sapateiro; casa de couros; exploração de produtos de curtume
Lima	Negociante	Fabricação de calçados
Alves	Negociante	Curtume e artigos congêneres
Gomes	Negociante	Fábrica de calçados, curtume e artigos de couro
Motta	Proprietário	Exploração do comércio de curtume, fábrica de calçados e arreios e artefatos de couro

Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, e Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Tabela 15 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido de pessoas de origem estrangeira e abastada

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Serrano	Comerciante	Fabricação de calçados
Palermo	Advogado	Fábrica de calçados
Citero	Bancário	Indústria e comércio de calçados
Nalini	Comerciante	Fábrica de calçados e artefatos de couro
Palermo	Comerciante	Indústria de calçados
Pucci	Comerciante	Fabricação e comércio de artefatos de borracha

Tabela 15 – Sobrenome, profissão na época do casamento e ramo de indústria estabelecido de pessoas de origem estrangeira e abastada

SOBRENOME	PROFISSÃO QUANDO DO CASAMENTO	RAMO INDUSTRIAL ESTABELECIDO
Ferro	Contador	Indústria de artefatos de couro; indústria e comércio de calçados
Betarello	Contador	Fábrica de calçados
Ferro	Contador	Fábrica de calçados
Alarcon Garcia	Farmacêutico	Manipulação de couros
Palermo	Guarda-livros	Fábrica de calçados
Alarcon	Industrial	Manipulação e consertos de calçados
Nocera	Industrial	Oficina de calçados
Ravagnani	Industrial	Fábrica de calçados
Palermo	Industrial	Fábrica de calçados
Veith	Industrial	Indústria de curtume
Fagioni	Industrial	Fábrica de calçados
Puglia	Industrial	Indústria de artefatos de couro
Veith	Químico	Indústria de curtume

Fonte: Registros de proclamas de casamentos realizados em Franca, entre 1906 e 1960, e Registros de firmas comerciais do Cartório de Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

As informações apresentadas corroboram as hipóteses sustentadas desde o início de nossa pesquisa, ou seja, pessoas simples, trabalhadores pobres de origem estrangeira ajudaram a formar o empresariado do setor coureiro-calçadista de Franca (1900-1960). Além disso, a própria peculiaridade dessa produção, sustentada em grande parte pelo trabalho artesanal, garantiu uma oportunidade de ascensão social também para os brasileiros pobres.

A próxima fase de nosso estudo consistia em saber o que as pessoas vinculadas ao setor coureiro-calçadista conseguiram amearhar ao longo da vida. Para isso, utilizamos como documentação os inventários *post mortem* existentes no Arquivo Histórico Municipal de Franca. A princípio, dispúnhamos de uma relação dos proprietários de 279 estabelecimentos do setor coureiro-calçadista; posteriormente, somaram-se a esses dados mais os nomes de 619 pessoas, surgidos a partir dos registros de proclamas de casamentos⁶. Optamos por compilar todos os nomes

⁶ Desses 619 noivos, casados em Franca, entre 1900 e 1960, 397 eram brasileiros, 16 estrangeiros e 206 descendentes.

(de nacionais e estrangeiros) e averiguar para quais existiam relação de bens. Localizamos 108 processos referentes a 102 pessoas⁷.

Além dos bens do espólio, essa documentação fornece detalhes sobre a família da pessoa inventariada (herdeiros) e o monte partível (soma dos itens inventariados). Os bens descritos, geralmente, são imóveis; esparsamente, dinheiro (na forma de ações, hipotecas, participações em sociedades, dentre outras formas); e, raramente, itens móveis. Para sistematizar a pesquisa com essa documentação, seguimos os mesmos recortes temporais usados para as etapas anteriores de nosso estudo. Com isso, tomamos como referência a década de abertura da empresa do setor coureiro-calçadista, listamos todos os empresários daquela década e buscamos aqueles mencionados pelas fontes. Posteriormente, tabulamos o número de imóveis o qual cada empresário adquiriu e que fez parte do monte partível. Mediante essas informações, criamos uma tabela dividida nos mesmos recortes temporais, com o número de imóveis adquiridos. A partir desses elementos, foi possível criar uma primeira perspectiva da dimensão da riqueza dessas pessoas.

Os valores dos montes partíveis eram expressos em diferentes moedas, cujo valor real era afetado pela inflação. Precisávamos, com isso, criar um padrão para aferirmos uma possível comparação entre tais valores nos mais diversos períodos. Optamos pela conversão para moeda estrangeira; pautando-nos na publicação *Estatísticas históricas do Brasil* do IBGE (1990). Com isso, convertemos os vários montantes de dinheiro brasileiro para a libra esterlina ou o dólar americano durante nosso período de estudo⁸. Uma vez convertidos, respeitando as datas das realizações das avaliações, obtivemos um montante em libra ou dólar. Isso nos proporcionou um padrão monetário de comparação mais estável e outra perspectiva da dimensão da riqueza acumulada pelo empresariado em análise.

A Tabela 16 nos fornece o quanto de bens imóveis os industriais de nossa amostra conseguiram obter ao longo de sua vida. O Gráfico 4 apresenta as porcentagens entre empresários e imóveis adquiridos.

⁷ Para seis pessoas, havia dois inventários; geralmente, um deles era referente à esposa meeira falecida.

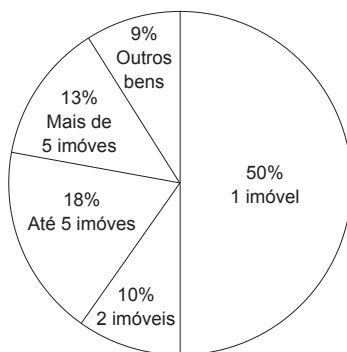
⁸ Seguindo essa referência, entre 1900 e 1939, o réis foi convertido em lira; entre 1940 e 1941, o réis, em dólar; entre 1942 e 1966, o cruzeiro, em dólar; entre 1967 e 1969, o cruzeiro novo, em dólar; entre 1970 e 1985, o cruzeiro, em dólar; e, entre 1986 e 1987, o cruzado, em dólar.

Tabela 16 – Relação entre empresários e número de imóveis adquiridos

IMÓVEIS	1900-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960	TOTAL
1	06	06	09	07	14	09	51
2	01	02	04	01	02	00	10
Até 5	03	02	01	00	13	00	19
Mais de 5	03	05	02	01	02	00	13
Outros bens	01	01	04	02	01	00	09
Total	14	16	20	11	32	09	102

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 4 – Porcentagem entre empresários e número de imóveis adquiridos



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

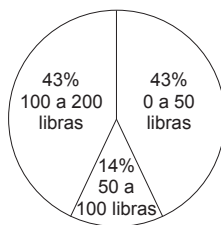
De acordo com o gráfico acima, a metade de nossa amostra conseguiu adquirir somente um imóvel. Outros 10% compraram dois, enquanto 18% ficaram numa posição intermediária, pois obtiveram até cinco. Somente 13% foram proprietários de mais de cinco imóveis. Em princípio, poderíamos inferir que os bens dessa somatória foram poucos. Contudo, necessitamos saber se quantidade significa qualidade, pois, hipoteticamente, pode ter existido um empresário possuidor de um único patrimônio, porém o valor deste seja suficiente para comprar todos os demais de quem, por exemplo, tinha mais de cinco imóveis. Para tentar sanar essa questão, dispúnhamos dos valores totais desses bens convertidos para moeda estrangeira. Isso tornou possível uma comparação qualitativa entre as propriedades dos empresários. A Tabela 17 e o Gráfico 5 contêm essas referências em libras para os possuidores de apenas um imóvel.

Tabela 17 – Relação entre empresários e valores de imóveis em libras – 1 imóvel

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Prado	1921-1930	3:000\$000	09/03/1937	£ 23,96
Tasso	1941-1950	1:200\$000	17/11/1928	£ 29,44
Teixeira	1900-1910	5:000\$000	15/10/1937	£ 39,94
Molina	1941-1950	7:839\$400	19/09/1936	£ 59,14
Bertoncini	1900-1910	5:504\$000	02/08/1924	£ 123,46
Penna	1931-1940	9:100\$000	22/02/1931	£ 134,97
Brugim	1911-1920	20:000\$000	12/06/1935	£ 151,86

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 5 – Porcentagem de empresários que adquiriram 1 imóvel e o valor do bem em libra



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Segundo os dados, sete industriais se enquadraram nessa amostra. Os valores dos imóveis, expressos em libras, mostram-nos que mais da metade desses bens custou até £ 100,00. Os demais empresários não pagaram mais de £ 200,00 por seu único patrimônio. Os dados referentes aos valores convertidos em dólar encontram-se na Tabela 18 e no Gráfico 6.

Tabela 18 – Relação entre empresários e valores de imóveis em dólares – 1 imóvel

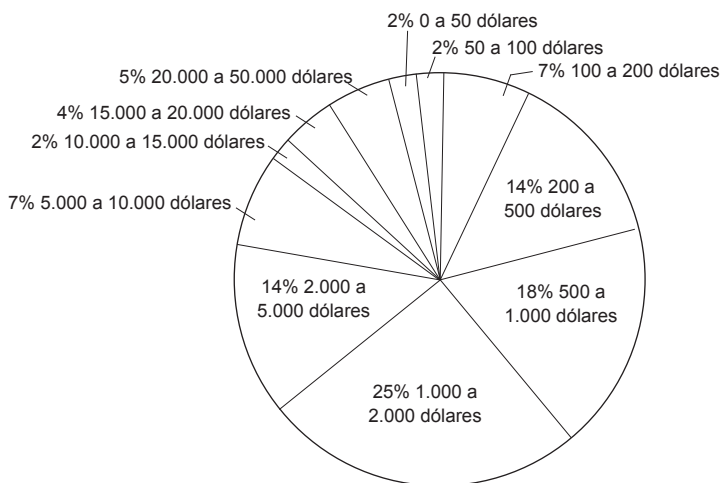
SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Coelho	1921-1930	\$ 3.400,00	27/03/1966	US\$ 1,55
Cruz Filho	1921-1930	\$ 12.000,00	19/05/1982	US\$ 73,78
Dias	1941-1950	\$ 2.028,00	14/09/1977	US\$ 147,41
Alves da Silva	1941-1950	\$ 1.148,10	03/09/1974	US\$ 171,10
Algarte Banhos	1951-1960	\$ 11.500,00	02/02/1958	US\$ 178,68
Torres	1900-1910	\$ 4.000,00	25/10/1944	US\$ 210,02
Moreira	1941-1950	\$ 450.000,00	09/03/1965	US\$ 292,18
Garcia	1941-1950	\$ 5.642,70	22/08/1950	US\$ 304,41
Coelho	1921-1930	\$ 275.333,33	21/07/1964	US\$ 306,34

Tabela 18 – Relação entre empresários e valores de imóveis em dólares – 1 imóvel

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Paludetto	1900-1910	\$ 1.980.749,00	08/01/1985	US\$ 339,23
Granero Lopes	1931-1940	\$ 1.622,00	13/03/1969	US\$ 407,94
Meneghetti	1931-1940	\$ 2.791.464,00	17/04/1985	US\$ 478,08
Cruz	1911-1920	\$ 24.000,00 (1/3 parte de \$ 72.000,00)	03/07/1955	US\$ 570,99
Calandria Ultrera	1951-1960	\$ 37.400,00	06/06/1958	US\$ 581,11
Bego	1951-1960	\$ 30.000,00	28/04/1957	US\$ 587,52
Sandoval	1900-1910	\$ 12.000,00	13/05/1953	US\$ 599,58
Cintra	1911-1920	16:000\$000	19/11/1940	US\$ 818,95
Alvarenga	1921-1930	\$ 16.500,00	03/06/1951	US\$ 889,00
Souza	1931-1940	Cr\$ 40.000,00	25/04/1955	US\$ 951,65
Almeida	1941-1950	\$ 5.889,00	02/05/1973	US\$ 963,35
Sousa	1911-1920	\$ 44.944,00	23/05/1955	US\$ 1069,28
Claro da Silva	1921-1930	\$ 110.000,00	19/11/1959	US\$ 1079,14
Cintra	1941-1950	\$ 60.000,00	16/08/1956	US\$ 1243,31
Soares da Silva	1911-1920	\$ 610.000,00	23/10/1963	US\$ 1325,15
Bissesto	1921-1930	\$ 179.000,00	20/08/1960	US\$ 1403,36
Vieira	1921-1930	\$ 441.344,40	07/12/1962	US\$ 1449,39
Pedro	1941-1950	\$ 28.000,00	07/05/1951	US\$ 1508,62
Ferrante	1951-1960	\$ 65.000,00	03/11/1955	US\$ 1546,44
Marinho	1941-1950	\$ 11.333,45	03/01/1974	US\$ 1689,03
Verzola	1951-1960	\$ 10.364,00	11/06/1973	US\$ 1695,40
Cavalini	1931-1940	\$ 15.241,66	29/04/1975	US\$ 1922,99
Primon	1941-1950	\$ 529.282,70	13/03/1961	US\$ 2782,94
Lucas da Silva	1941-1950	\$ 15.000,00	25/05/1971	US\$ 2864,23
Ferreira Barbosa	1951-1960	\$ 20.000,00	20/05/1974	US\$ 2980,62
Couto	1931-1940	Cr\$ 21.565,93	04/04/1974	US\$ 3213,99
Faggioni	1941-1950	\$ 26.463,00	03/07/1974	US\$ 3943,81
Costa	1921-1930	\$ 32.877,08	14/10/1975	US\$ 4148,00
Conrado	1900-1910	\$ 98.500,00	19/10/1944	US\$ 5171,96
Maranha	1911-1920	\$ 1.180.000,00	13/11/1961	US\$ 6204,38
Rodrigues da Silva	1951-1960	\$ 30.000,00	20/03/1970	US\$ 7058,82
Maniglia	1931-1940	\$ 150.000,00	15/06/1976	US\$ 14310,24
Tasso	1941-1950	\$ 383.845,00	21/02/1979	US\$ 15053,92
Oliveira	1951-1960	\$ 316.500,00	07/06/1978	US\$ 17934,04
Terras	1951-1960	\$ 86.189,40	01/04/1968	US\$ 26601,66

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 6 – Porcentagem de empresários que adquiriram 1 imóvel e o valor do bem em dólar



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Nessa amostra, obtivemos 44 empresários donos de um imóvel. Destes, o valor de 68% não passava de US\$ 2.000,00. Não ultrapassavam US\$ 1.000,00 os bens de 43% dos proprietários. Apenas 11% dos indivíduos da amostra possuíam um único patrimônio, cujo valor estava entre US\$ 10.000,00 e US\$ 50.000,00.

Quando nos voltamos aos empresários donos de dois imóveis, obtivemos os dados expressos em libras na Tabela 19. Por se tratar somente de três casos, dispensa-se a apresentação do gráfico de porcentagens. Como vemos, o valor dos imóveis não passava de £ 800,00.

Tabela 19 – Relação entre empresários e valores de imóveis em libras – 2 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Nascimento	1911-1920	7:504\$000	16/03/1933	£ 96,21
Ferro	1921-1930	16:000\$000	14/02/1933	£ 205,14
Alves	1900-1910	61:253\$000	22/09/1937	£ 489,34

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

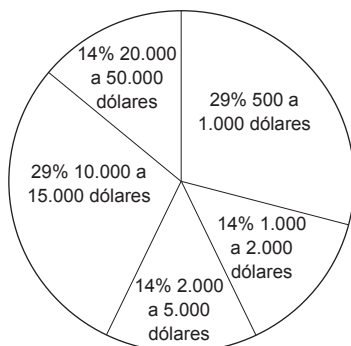
Quando os valores foram convertidos em dólar, obtivemos os resultados contidos na Tabela 20 e no Gráfico 7.

Tabela 20 – Relação entre empresários e valores de imóveis em dólares – 2 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Silveira	1921-1930	\$ 2.480,00	21/08/1968	US\$ 765,43
Leme	1931-1940	\$ 33.000,00	15/03/1955	US\$ 785,11
Bruno	1941-1950	\$ 20.172,66	14/03/1940	US\$ 1.032,53
Pucci	1921-1930	\$ 10.327,00	13/12/1967	US\$ 4.007,37
Nascimento	1911-1920	\$ 675.155,50	28/02/1957	US\$ 13.222,26
Alarcon Garcia	1941-1950	\$ 46.260,37	27/05/1968	US\$ 14.277,89
Palermo	1921-1930	\$ 578.930,50	22/04/1948	US\$ 31.210,87

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 7 – Porcentagem de empresários que adquiriram 2 imóveis e o valor dos bens em dólar



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Dos sete empresários dessa amostra, o valor dos bens de quatro deles não passava de US\$ 5.000,00. O valor do patrimônio de um único indivíduo (US\$ 31.210,87) equivalia quase à soma dos bens de todos os demais.

Como vemos pela Tabela 21, da amostra de empresários cujos bens eram de até cinco imóveis, o valor dos imóveis de três pessoas não passava de £ 100,00. Os bens dos demais empresários da amostra não passavam de £ 2.500,00.

O valor do patrimônio de 61% dos empresários dessa amostra não ultrapassava o montante de US\$ 10.000,00. Dentre os indivíduos mais abastados, a riqueza de apenas um (mais de US\$ 75.000,00) quase equivalia à soma dos bens de todos os demais.

Com relação àqueles cujos bens somavam mais de cinco imóveis, os dados comprovam serem eles os mais ricos. Somados os valores em libras dos bens de duas pessoas, constantes na Tabela 23, o valor alcançado (£ 26.780,50) é superior à soma dos valores das propriedades, convertidos para essa moeda, de todos os outros empresários.

Tabela 21 – Relação entre empresários e valores de imóveis em libras – até 5 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Andrade	1941-1950	4:000\$000	22/12/1933	£ 51,28
Couto	1900-1910	3:000\$000	20/07/1923	£ 62,54
David	1941-1950	15:262\$500	06/03/1939	£ 99,40
Silveira Junior	1921-1930	159:899\$999	04/01/1938	£ 1.116,40
Pesce	1911-1920	79:000\$000	20/12/1932	£ 1.137,11
Rissio	1900-1910	77:517\$193	11/09/1899	£ 2.379,79

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

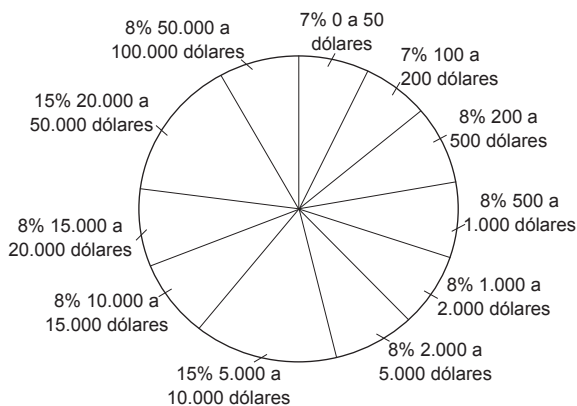
A Tabela 22 e o Gráfico 8 nos fornecem valores em dólares sobre 13 empresários adquirentes de até 5 imóveis.

Tabela 22 – Relação entre empresários e valores de imóveis em dólares – até 5 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Campos	1911-1920	\$ 108,00	08/11/1968	US\$ 33,33
Simões	1941-1950	\$ 2.500,00	24/08/1944	US\$ 131,26
Carlos	1941-1950	\$ 2.373.847,00	30/04/1985	US\$ 406,55
Martins	1941-1950	\$ 2.227,40	30/03/1967	US\$ 864,33
Tentoni	1941-1950	\$ 5.925,44	25/10/1971	US\$ 1.131,45
Naline	1941-1950	\$ 168.980,00	30/04/1958	US\$ 2.625,58
Veith	1941-1950	\$ 6.201.220,70	29/01/1964	US\$ 6.899,66
Bartole	1941-1950	\$ 175.889,75	22/11/1951	US\$ 9.476,81
Santos	1941-1950	\$ 274.661,20	13/03/1951	US\$ 14.798,55
Oliveira Filho	1941-1950	\$ 273.350,00	04/05/1978	US\$ 15.489,00
Rodrigues da Silva	1941-1950	\$ 1.049.091,50	26/03/1957	US\$ 20.545,44
Moroni	1900-1910	\$ 390.100,00	26/09/1952	US\$ 20.971,99
Bettarello	1941-1950	\$ 788.277,00	27/04/1976	US\$ 75.202,91

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 8 – Porcentagem de empresários que adquiriram até 5 imóveis e o valor dos bens em dólar



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Tabela 23 – Relação de empresários e valores de imóveis em libras – mais de 5 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Bruxellas	1921-1930	\$ 28:400\$000	06/06/1924	£ 637,05
Macedo	1900-1910	220:824\$040	17/06/1918	£ 11.836,62
Motta	1900-1910	506:000\$000	18/01/1926	£ 14.943,88

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Semelhante constatação pode ser feita a respeito dos valores convertidos em dólar. Ou seja, nesse caso, a quantidade equivalia também à qualidade expressa na maior riqueza daqueles com mais de cinco imóveis. Esses dados estão dispostos na Tabela 24 e no Gráfico 9.

Tabela 24 – Relação de empresários e valores de imóveis em dólares – mais de 5 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Biondi	1911-1920	\$ 34.700,00	16/10/1944	US\$ 1.822,00
D'Elia	1941-1950	\$ 620.616,70	06/09/1960	US\$ 4.865,63
Sandoval	1900-1910	\$ 2.132.388,00	26/11/1962	US\$ 7.002,87
Gobbo	1941-1950	\$ 28.823,00	08/09/1969	US\$ 7.249,24
Pucci	1911-1920	200:000\$000	12/01/1940	US\$ 10.236,98
Pucci	1911-1920	\$ 397.870,20	09/03/1948	US\$ 21.449,68
Nassif	1931-1940	\$ 1.669.670,73	08/04/1958	US\$ 25.943,08

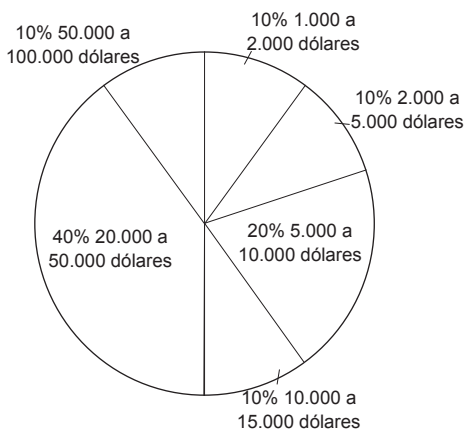
→

Tabela 24 – Relação de empresários e valores de imóveis em dólares – mais de 5 imóveis

SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Gomes	1911-1920	\$ 147.125,63	03/09/1971	US\$ 28.093,49
Bastos Junior	1911-1920	\$ 1.769.754,50	02/05/1956	US\$ 36.672,76
Mello	1921-1930	\$ 4.270.454,40	19/12/1956	US 88.492,15

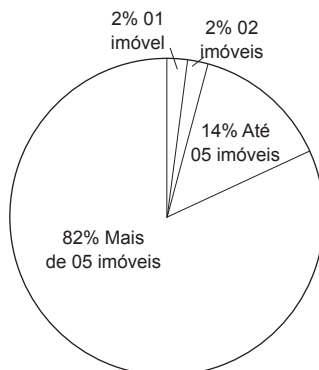
Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 9 – Porcentagem de empresários que adquiriram mais 5 imóveis e o valor dos bens em dólar



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

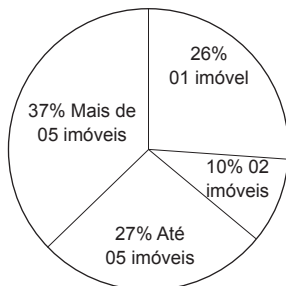
Gráfico 10 – Concentração da riqueza (em libras) dos empresários do setor coureiro-calçadista adquirente de imóveis



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Com os valores expressos e as divisões utilizadas, confeccionamos gráficos e apontamos, mais detalhadamente, quanto da riqueza foi investido nos quantitativos de imóveis. Acompanhamos os dados referentes aos montantes convertidos para a libra, pelo Gráfico 10, e para o dólar, pelo Gráfico 11.

Gráfico 11 – Concentração da riqueza (em dólares) dos empresários do setor coureiro-calçadista adquirente de imóveis



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

A maior parte do montante da riqueza dos industriais do setor coureiro-calçadista ficou concentrada nas categorias “até 5 imóveis” e “mais de 5 imóveis”. Estas somaram 82% dos montantes em libras e 64% em dólares, enquanto somente 2% dos valores em libras e 26% em dólares foram investidos em um imóvel. Quando retomamos os dados do Gráfico 4, aferimos ser a metade do cômputo total dos indivíduos de nossa amostra a adquirente de apenas um bem. Essas pessoas fizeram isso com a menor parte da riqueza amealhada por essa classe. Quando somamos aos outros 10% adquirentes de dois imóveis, constatamos que uma parte menor do empresariado (31%) concentrou três quartos da riqueza investida em imóveis.

Ao somarmos a esse conjunto os 9% restantes da amostra, cujo patrimônio não era, majoritariamente, imóveis, a divisão da riqueza dessa classe assume novos contornos. A Tabela 25 nos fornece os bens acumulados por essas pessoas, assim como a Tabela 26, os valores em moeda estrangeira.

Tabela 25 – Outros investimentos do empresariado do setor coureiro-calçadista

Sobrenome	Patrimônio
Marques	Dinheiro referente a dissolução de sociedade comercial.
Bastos	57 ações da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro e Navegação.
Nalini	Uma fábrica de calçados localizada nesta cidade e dois postos de vendas.
Espindola	Saldo a receber da venda de dois prédios.
Mello	101 quotas do Banco de Investimento do Brasil; 2.591 ações ao portador de Calçados Samélio; 5.841 ações ao portador de MISAME – Com. Ind. Participações; 5.509 ações ao portador de MSM Artefatos de Borracha S.A.; 1.465 ações ao portador de Curtume Progresso S.A.; uma área de terra na cidade de Goiânia, est. de Goiás, com 10.000 m²; um terreno situado na cidade de Uberlândia.
Herrero	Um crédito da importância de \$ 16.800,00, representado por duas notas promissórias; depósito em conta.
Pucci	Uma cota social de Cr\$ 100.000,00; os direitos de um compromisso de venda, havido à Cia. City Paulista de Terrenos e Melhoramentos; os direitos de um compromisso havido à terceiro; uma cota social na Ind. Mecânica Branquinho Ltda.; novecentas e trinta e três ações nominativas na firma Angelo Presotto Comércio S.A.; nove mil, novecentas e quarenta e cinco ações nominativas do valor de Cr\$ 1.000,00 cada uma, na firma Pucci S.A. Artefatos de Borracha; metade ideal de uma gleba de terras rurais; uma faixa de terreno.
Lopes	Sociedade em firma comercial; máquina de beneficiamento de arroz; sociedade em firma comercial; uma casa de morada.
Spesoto	65% do capital social do cônjuge varão, em firma comercial, estabelecida nesta praça; 65% sobre as reservas sociais para aumento de capital.

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Tabela 26 – Relação de empresários e valores de seus patrimônios

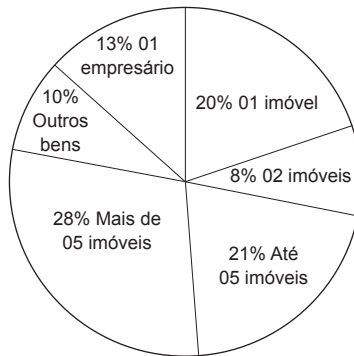
SOBRENOME	PERÍODO	VALOR EM MOEDA BRASILEIRA	DATA DE AVALIAÇÃO	VALOR EM MOEDA ESTRANGEIRA
Marques	1900–1910	5:512\$800	15/02/1935	£ 41,86
Bastos	1921–1930	10:260\$000	25/06/1925	£ 259,75
Nalini	1941–1950	\$ 36.787,70	22/03/1956	US\$ 762,31
Espindola	1921–1930	\$ 1.162.000,00	29/08/1964	US\$ 1.292,87
Mello	1931–1940	\$ 24.646,38	03/05/1972	US\$ 4.187,28
Herrero	1921–1930	\$ 17.662,84	03/09/1968	US\$ 5.451,49
Pucci	1921–1930	\$ 17.177.987,00	24/02/1965	US\$ 11.153,59
Lopes	1931–1940	\$ 650.000,00	14/09/1976	US\$ 62.011,06
Spesoto	1911–1920	\$ 5.320.093,60	12/06/1956	US\$ 110.242,72

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Segue abaixo o Gráfico 12, no qual inserimos aos adquirentes de imóveis os dados referentes aos proprietários de outros bens. Usamos

para isso apenas os valores convertidos em dólares. A soma de todos os bens foi de US\$ 828.510,77. Utilizando uma matemática simples, constatamos que 60% dos industriais concentraram 28% da riqueza, enquanto 31% das pessoas da amostra concentraram quase a metade. Um indivíduo apenas foi possuidor de 13% de todo o montante.

Gráfico 12 – Distribuição da riqueza entre o empresariado do setor coureiro-calçadista



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Com base nos valores dos montes partíveis, elaboramos uma tabela em ordem crescente, obedecendo aos mesmos recortes temporais anteriores. Esses dados nos permitiram mensurar a riqueza dos empresários do setor coureiro-calçadista desde o mais pobre até o mais rico. Tais resultados são conferidos na Tabela 27.

Tabela 27 – Riqueza do empresariado do setor coureiro-calçadista por período

LIBRA	1900-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960	TOTAL
0 a 50	02	00	01	00	01	00	04
50 a 100	01	01	00	00	03	00	05
100 a 200	01	01	00	01	00	00	03
200 a 500	01	00	02	00	00	00	03
500 a 1.000	00	00	01	00	00	00	01
1.000 a 2.000	00	01	01	00	00	00	02
2.000 a 5.000	01	00	00	00	00	00	01



Tabela 27 – Riqueza do empresariado do setor coureiro-calçadista por período

LIBRA	1900-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960	TOTAL
5.000 a 10.000	00	00	00	00	00	00	00
10.000 a 15.000	02	00	00	00	00	00	02
Dólar							
0 a 50	00	01	01	00	00	00	02
50 a 100	00	00	01	00	00	00	01
100 a 200	00	00	00	00	03	01	04
200 a 500	02	00	00	02	03	00	07
500 a 1.000	01	02	02	02	03	02	12
1.000 a 2.000	00	03	04	01	05	02	15
2.000 a 5.000	00	00	02	02	05	01	10
5.000 a 10.000	02	01	01	00	03	01	08
10.000 a 15.000	00	02	01	01	02	00	06
15.000 a 20.000	00	00	00	00	02	01	03
20.000 a 50.000	01	03	02	01	01	01	09
50.000 a 100.000	00	00	01	01	01	00	03
Acima de 100.000	00	01	00	00	00	00	01
Total	14	16	20	11	32	09	102

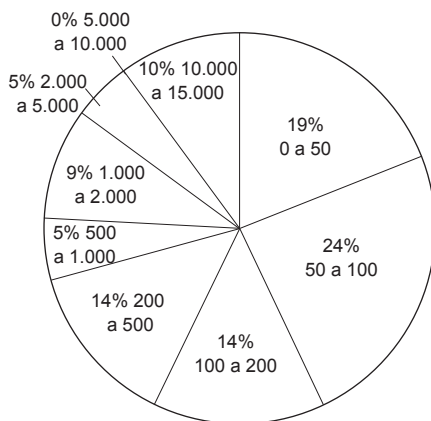
Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

O Gráfico 13 nos mostra as faixas de valores em libra, nas quais a riqueza de parte do empresariado ficou concentrada.

Assim, dos 21 empresários, 16 possuíam um montante de capital que não passava de £ 1.000,00. Desses, 6 eram de origem imigrante. Outras 5 pessoas da amostra possuíam bens entre £ 1.000,00 e £ 15.000,00; apenas 1 era de origem imigrante.

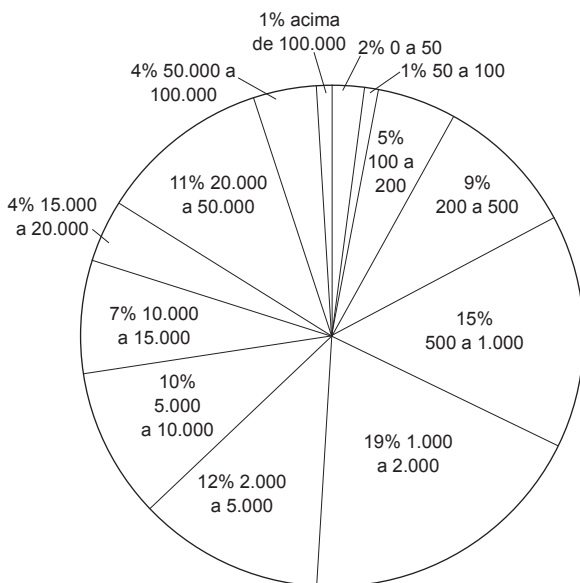
Ao utilizarmos os dados convertidos em dólares, obtemos o Gráfico 14; as fatias maiores do gráfico ficaram concentradas em valores entre US\$ 500,00 e US\$ 5.000,00. A maioria, ou 59 empresários (73% da riqueza convertida em dólar), acumulou recursos não superiores a US\$ 10.000,00. Destes, 27 eram de origem imigrante. Dos 22 indivíduos restantes, possuidores de recursos acima de US\$ 10.000,00, 10 tinham a mesma origem. Destes, 1 foi o dono da maior riqueza existente em dólares.

Gráfico 13 – Concentração da riqueza em libras



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Gráfico 14 – Concentração da riqueza em dólares



Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

De posse dessas informações, julgamos ser interessante, a título de comparação, mensurar o quanto os empresários de Franca eram ricos em relação, por exemplo, aos grandes industriais da cidade de São Paulo. Em princípio, é uma tarefa um tanto complicada, pois, mesmo convertendo os bens para moedas estrangeiras, o valor destas variou ao longo do período, influenciado por guerras mundiais, crises internacionais, inflação, dentre outros fatores. Além disso, precisaríamos de uma referência sobre a riqueza dos paulistanos para compararmos no decorrer das décadas. Uma alternativa seria encontrar uma mercadoria, um bem negociado durante o período e mensurar o quanto de dinheiro foi necessário para comprá-lo. Isso também nos remeteria a campos variáveis, pois, como a moeda, a oferta e a procura de um produto influenciam seu preço. Mesmo sabendo das limitações desse modelo, consideramos importante ter, ao menos, um elemento de comparação, por isso optamos pelo mercado de café como referência⁹.

Em 1907, como já explicitamos, Sérgio Silva classificou uma grande indústria como aquela cujo capital era igual ou superior a 1.000 contos de réis. Partindo desse pressuposto, um indivíduo possuidor dessa quantidade, naquela época, poderia ser considerado um grande industrial, ou uma pessoa rica para a realidade da cidade de São Paulo. Se convertermos esse valor em libras, obteremos £ 62.897,03 (IBGE, 1990). Esse valor, ao preço do mercado internacional da época, era suficiente para comprar 34.558 sacas de café¹⁰. A realidade de Franca era bastante distinta, por isso usamos valores mais modestos. Supomos que uma pessoa rica, nessa cidade, fosse aquela detentora de recurso suficiente para comprar menos da metade do café citado acima, ou 17 mil sacas, com valor aproximado de £ 31.000,00. Em nossa amostra, apenas dois empresários somaram riquezas acima de £ 10.000,00. Tais avaliações foram feitas em 1918 e 1926, ou seja, os valores já estavam defasados em relação ao padrão de referência de 1907.

⁹ Esse produto, além de todas as variáveis do mercado responsáveis por compor seu preço, ainda tinha a interferência do governo brasileiro, que mantinha estoques reguladores. Porém, ao longo do período citado, manteve-se como um dos principais produtos de exportação do Brasil.

¹⁰ Conferir a tabela Quantidade e valor da exportação de café em grão (1821-1987). Disponível em <www.ibge.gov.br/seculoxx/economia/atividade.../6_43ab_agro1821_99.xls>. Acesso em 9 setembro 2012.

Tabela 28 – Conversão da riqueza dos empresários do setor coureiro-calçadista em sacas de café

SOBRENOME	DATA DE INÍCIO DAS ATIVIDADES	DATA DA AVALIAÇÃO	MONTE PARTÍVEL EM MOEDA BRASILEIRA	VALOR DA SACA DE CAFÉ – MOEDA BRASILEIRA	SACAS DE CAFÉ	MONTE PARTÍVEL EM MOEDA ESTRANGEIRA	VALOR DA SACA DE CAFÉ – MOEDA ESTRANGEIRA	SACAS DE CAFÉ
Macedo	1900-1910	17/06/1918	220:824\$040	\$ 47,45	4.653	₣ 11.836,62	₣ 2,56	4.623
Motta	1900-1910	18/01/1926	506:000\$000	\$ 170,72	2.963	₣ 14.943,88	₣ 5,06	2.953
Pucci	1911-1920	12/01/1940	200:000\$000	\$ 131,93	1.515	US\$ 10.236,98	–	–
Pucci	1921-1930	24/02/1965	\$ 17.177.987,00	\$ 44.545,18	385	US\$ 11.153,59	US\$ 52,40	212
Nascimento	1911-1920	28/02/1957	\$ 675.155,50	\$ 2.164,33	311	US\$ 13.222,26	US\$ 59,04	223
Garcia	1941-1950	27/05/1968	\$ 46.260,37	\$ 138,11	334	US\$ 14.277,89	US\$ 41,95	340
Maniglia	1931-1940	15/06/1976	\$ 150.000,00	\$ 1.791,47	83	US\$ 14.310,24	US\$ 161,86	88
Santos	1941-1950	13/03/1951	\$ 274.661,20	\$ 1.188,89	231	US\$ 14.798,55	–	–
Tasso	1941-1950	21/02/1979	\$ 383.845,00	\$ 6.067,03	63	US\$ 15.053,92	US\$ 205,20	73
Oliveira Filho	1941-1950	04/05/1978	\$ 273.350,00	\$ 3.391,83	80	US\$ 15.489,00	US\$ 187,97	82
Oliveira	1951-1960	07/06/1978	\$ 316.500,00	\$ 3.391,83	93	US\$ 17.934,04	US\$ 187,97	95
Silva	1941-1950	26/03/1957	\$ 1.049.091,50	\$ 2.164,33	484	US\$ 20.545,44	US\$ 59,04	347
Moroni	1900-1910	26/09/1952	\$ 390.100,00	\$ 1.214,38	321	US\$ 20.971,99	–	–
Pucci	1911-1920	09/03/1948	\$ 397.870,20	\$ 515,58	771	US\$ 21.449,68	–	–
Nassif	1931-1940	08/04/1958	\$ 1.669.670,73	\$ 1.967,08	848	US\$ 25.943,08	US\$ 53,37	486
Terras	1951-1960	01/04/1968	\$ 86.189,40	\$ 138,11	624	US\$ 26.601,66	US\$ 41,95	634
Gomes	1911-1920	03/09/1971	\$ 147.125,63	\$ 237,95	618	US\$ 28.093,49	US 44,81	626
Palermo	1921-1930	22/04/1948	\$ 578.930,50	\$ 515,58	1.122	US\$ 31.210,87	–	–
Bastos Junior	1911-1920	02/05/1956	\$ 1.769.754,50	\$ 2.243,99	788	US\$ 36.672,76	US\$ 61,27	598
Granero Lopes	1931-1940	14/09/1976	\$ 650.000,00	\$ 1.791,47	362	US\$ 62.011,06	US\$ 161,86	383
Bettarello	1941-1950	27/04/1976	\$ 788.277,00	\$ 1.791,47	440	US\$ 75.202,91	US\$ 161,86	464
Mello	1921-1930	19/12/1956	\$ 4.270.454,40	\$ 2.243,99	1.903	US 88,492,15	US\$ 61,27	1.444
Spesoto	1911-1920	12/06/1956	\$ 5.320.093,60	\$ 2.243,99	2.370	US\$ 110.242,72	US\$ 61,27	1.799

Fonte: Processos de inventários *post mortem*, Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMUF).

Utilizamos 17 mil sacas de café como referência daquilo que uma pessoa rica, em Franca (1900-1960), poderia comprar com o seu capital¹¹. Seleccionamos apenas os empresários com riquezas superiores a £ 5.000 e US\$ 10.000. Com base nesses parâmetros, confeccionamos a Tabela 28, na qual constam, além dos valores em moeda estrangeira, também em moeda nacional dos montes partíveis, pois as referências sobre o mercado do café trazem informações para ambas as moedas.

Conforme a quantidade estimada de sacas de café que a riqueza desses empresários poderia ter comprado, nenhum chegou perto das 17 mil sacas. Na verdade, a soma da riqueza dos empresários mais ricos de Franca, durante todo o período, era suficiente para comprar um pouco mais dessa quantidade de café, ou 21.362 sacas.

Por se tratar de um produto cujo mercado internacional sofreu variações, é possível verificarmos nos dados algumas incongruências. Por exemplo, no caso das riquezas convertidas em libras, o empresário mais rico não conseguiria comprar mais café em relação ao segundo mais rico. Mesmo possuindo mais que o dobro de dinheiro, ele adquiriria 60% do total de sacas compradas pelo outro. Ocorrem outras variações, quando comparamos os valores convertidos para o dólar. Os dados na tabela estão numa ordem ascendente, o que, em princípio, deveria corresponder a uma mesma ordem quanto ao número de sacas de café; entretanto, isso não acontece. Vejamos o caso do industrial Granero Lopes: seu patrimônio foi calculado em US\$ 62.011,86 em 1976. Naquela época, ele compraria 362 sacas de café. Porém o empresário Palermo, 28 anos antes, com metade do patrimônio, ou US\$ 31.210,87, compraria 3 vezes mais café (1.122 sacas). Além disso, a riqueza do industrial Pucci (US\$ 10.236,98), em 1940, compraria 1.515 sacas. Para superar essa quantidade, seria necessário somar a riqueza das próximas 9 pessoas mais ricas.

¹¹ Apenas a título de comparação, atualmente o preço de um bom café é de R\$ 304,00 a saca. Se utilizarmos o modelo criado, hoje uma pessoa rica seria aquela que tivesse amealhado uma fortuna de, aproximadamente, R\$ 5,2 milhões. Fonte: <<http://www.cccmg.com.br/cotacaocafe2.asp?codigo=3564>>. Acesso em 12 março 2013.

Considerações finais

Diante do farto material empírico apresentado, seria sim temerário acreditar que a formação do empresariado industrial na cidade de Franca tenha seguido um modelo semelhante ao da cidade de São Paulo no mesmo período. Como demonstramos, o empresariado do setor coureiro-calçadista possuiu particularidades responsáveis por distingui-lo em relação ao seu congêneres paulistano. A principal delas foi sua origem pobre e o fato de parte considerável dessas pessoas serem filhos de imigrantes. Mesmo não conseguindo amedrontar grandes fortunas, esses indivíduos foram importantes para ajudar a contar a história da formação dos industriais no Brasil, durante um período significativo do século XX. O polo industrial que essas pessoas ajudaram a montar transformou-se numa referência nacional no que diz respeito à produção de calçados masculinos.

A formação do empresariado fabril no interior do estado de São Paulo, em Franca, assumiu características complexas e até mesmo opostas a certa concordância criada pela literatura acadêmica, responsável por associar a figura do industrial com o estrangeiro rico ou com o cafeicultor-investidor e relacionar a pobreza ao imigrante trabalhador. Entretanto, no processo de industrialização do setor coureiro-calçadista, o imigrante abastado ou o cafeicultor-capitalista estiveram ausentes. Prevaleram aqueles que, chegados ao local certo, souberam aproveitar as oportunidades criadas por sociedades que se transformavam em meio à dinamicidade criada pela economia cafeeira. Por isso, ao discutirmos a industrialização e a imigração no estado de São Paulo, devemos considerar que a ação de simples trabalhadores estrangeiros pobres e seus descendentes, possuidores de um *saber-fazer*, pode ajudar a contar uma história importante na formação do empresariado no Brasil. Uma história que, por décadas, foi silenciada por conta de uma cristalização do estereótipo criado pela literatura acadêmica.

Referências bibliográficas

BAILY, Samuel L. The adjustment of Italian immigrants in Buenos Aires and New York (1870-1914). *The American Historical Review*, v. 88, n. 2, p. 281-305, abr. 1983.

- BARBOSA, Agnaldo de Sousa. *Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2006.
- BARBOSA, Agnaldo de Sousa. *Atuação pública e eficiência coletiva em arranjos produtivos locais: o caso do polo industrial de Franca (SP)*. Relatório de pesquisa. Franca: UNESP, 2013.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Empresários e administradores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- ESTATÍSTICAS históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: IBGE, 1990, p. 567-571 (Séries Estatísticas Retrospectivas, v. 3).
- FONT, Maurício. *Planters and State: the pursuit of hegemony in São Paulo, Brazil (1889-1930)*. University of Michigan, 1983 (Tese de Doutorado).
- HALL, Michael McDonald. *The origins of mass immigration in Brazil (1871-1914)*. New York: Faculty of Political Science, Columbia University, 1969 (Tese de Doutorado em Filosofia).
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris. *Fazer a América*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 28-29.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1995, p. 90-91.
- STOLCKE, Verena. *Caféicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TABELA Quantidade e valor da exportação de café em grão (1821-1987). Disponível em <www.ibge.gov.br/seculoxx/economia/atividade.../6_43ab_agro1821_99.xls>. Acesso em 9 setembro 2012.
- TOSI, Pedro Geraldo. *Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)*. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 209 (Tese de Doutorado em Economia).
- TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989, p. 127.
- TRUZZI, Oswaldo. *Café e indústria: São Carlos (1850-1950)*. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea/UFSCar, 1986.